

O estágio supervisionado como égide profissional do educador: um relato de experiência

Gabriel Ferreira Melo de Oliveiraⁱ
Liliane Afonso de Oliveiraⁱⁱ

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência, pois busca discutir, após práticas vivenciadas no Estágio Supervisionado I, realizado pelo graduando do curso de Licenciatura em Letras-Português, na Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Belém, numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual Virgílio Libonati. A partir disso, este relato tem como finalidade compartilhar as experiências vivenciadas no âmbito escolar no que tange ao processo de ensino-aprendizagem dentro de uma sala de aula da turma observada, refletir sobre as práticas utilizadas e amparar a discussão sobre o processo entre teoria e prática. Logo, o escopo do estudo está amparado por meio de pesquisa bibliográfica aos pensamentos de Antunes (2003), Belotti e Faria (2010), Pimenta (2002), entre outros. A partir do analisado em sala de aula, a importância do Estágio Supervisionado torna-se vital devido à necessidade do conhecimento da realidade do ensino de português.

Palavras-chave: Estágio. Experiência. Formação profissional.

The supervised internship as the professional aegis of the educator: an experience report

Abstract: The present work is an experience report, as it seeks to discuss, after practices experienced in the Supervised Internship I, carried out by the undergraduate student of the Degree in Portuguese Language and Literature at the Federal Rural University of Amazonia, Campus Belém, in the final's years of Secondary School at a 9th grade class, at Virgílio Libonati Estate School. This report aims to share the experiences lived in the classroom and the teaching-learning process of the grade observed, then to reflect on the applications used and support the discussion of the process between theory and practice. Therefore, the scope of the study is supported by bibliographical research on the thoughts of Antunes (2003), Belotti e Faria (2010), Pimenta (2002), and among others. From what was observed and applied, the importance of the Supervised Internship becomes vital due to the need to know the reality of how Portuguese is being taught.

Keywords: Internship. Experience. Professional formation.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: ferreirag879@gmail.com.

ⁱⁱ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: liliane.afonso@ufra.edu.br.

INTRODUÇÃO

O estágio é um momento único para que possa, enfim, se iniciar a jornada sobre a validade de ser um professor, suas dificuldades e a grande gama de possibilidades e aprendizados que essa experiência pode proporcionar. Logo, o presente artigo é um relato de experiência, pois tem como objetivo discutir as práticas vivenciadas no contexto escolar, no estágio ocorrido na Instituição Virgílio Libonati, desenvolvido pela disciplina de Estágio Supervisionado I, realizado pelo acadêmico Gabriel Ferreira Melo de Oliveira, sob orientação da Professora Dr^a. Liliane Afonso.

Dessa maneira, o presente artigo busca observar a maneira com que o ensino de português acontece dentro da sala de aula, analisar as práticas utilizadas pelo professor regente e discutir, em relação com os autores, o processo de ensino-aprendizagem, visto que há a necessidade de encarar a dicotomia entre teoria e prática – de que maneira as teorias educacionais aplicam-se no ensino-aprendizagem, e de que forma os alunos apreendem os conteúdos referentes à Língua Portuguesa. Na UFRA, o processo de estágio considera-se importante por uma razão profissional, a qual consta na Lei nº. 11.788, de setembro de 2008, que afirma que o estágio “visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho”. Logo, compreende-se a importância do estágio para a formação do educador. Assim, o entorno da comunidade a qual a instituição reside, classifica-se como uma área periférica, que não está no centro da cidade, pois, devido ao seu histórico de ocupação, a Terra Firme foi construída sem planejamento, e possui estigmas que perduram na região, por causa dos altos índices de criminalidade. Ademais, a escola em foco atende o público da circunvizinhança: uma população de baixa renda do centro da capital de Belém do Pará, que sofre com a carência de serviços básicos – em especial, saneamento –, e vivencia um processo de combate e prevenção à violência que se instalou no bairro. Observou-se necessário realizar o estágio nessa escola por uma razão: a resistência de outros contextos educacionais no que consistiam à estagiários, visto que, uma vez apresentado, a direção de outra instituição colocou barreiras em relação ao estágio. Em seguida, após tentativa frustrada de estagiar, buscou-se a escola Virgílio Libonati, que se apresentou sem barreiras e com total compreensão ao acolhimento do estagiário.

Dessa forma, os objetivos do estágio realizado e relatado neste presente artigo, estão aliados ao Artigo 4 do Regulamento de Ensino da Universidade, o qual afirma que “instrumentalizar o aluno para a iniciação profissional, enfatizando o caráter técnico, social,

cultural e atitudinal da profissão, preferencialmente por meio da sua inserção direta no mercado de trabalho”. A partir disso, compreende-se a formação profissional do docente parte de uma rede de segurança que o coloca na posição de iniciação à instrumentalização profissional, de maneira que, uma vez em sala de aula, ao longo do período de contato, o educador mantenha a responsabilidade em ensinar e aprender. O presente relato de experiência está aliado aos pensamentos de Antunes (2003), Belotti e Faria (2010), Pimenta (2002) e Lima (2008). Nas seções a seguir, será discutida a experiência de observação e, posteriormente, a de regência.

A OBSERVAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

A observação que será detalhada a seguir contém as descrições detalhadas das aulas de língua portuguesa observadas nas turmas de nono ano, no turno vespertino, na escola Virgílio Libonati. O período de realização da observação presente neste relato compõe os meses de setembro a outubro.

Em primeira análise, pode-se considerar que, durante o período de observação, analisou-se que a instituição escolar na qual foi realizado o estágio possui uma estrutura desfavorável no que tange ao aprendizado pleno: as salas, extremamente perto umas das outras, tornam possível escutar a fala dos outros professores durante a aula ministrada; as janelas que dão visão à parte de fora e ajudam a ventilar o ambiente são de pouca ventilação e quando chove, não há a possibilidade de fechá-las, e os alunos ficam expostos à chuva, tendo que afastar suas carteiras. A turma, composta regularmente por uma média de 20 alunos, apresenta-se com pequenos focos de concentração na sala de aula – alguns alunos prestam atenção no assunto, outros dialogam entre si e os demais estão à parte do processo, visto que não interagem e não respondem a nenhuma pergunta. Logo, compreende-se que, apesar de uma situação estrutural dependente, o local em que foi realizado o estágio dispõe do básico para seu funcionamento e aprendizado, visto que apenas questões externas – calor, chuva, poluição sonora – atrapalham a aula.

Assim, em relação aos assuntos ministrados durante o período de realização das Observações do ESO, compreende-se que o ensino de português trabalhado em sala de aula volta-se, primariamente, ao ensino de gramática, com leves alternações para leitura e escrita. Nesse viés, Márcia Mendonça (2007), no texto “Análise Linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros”, afirma que não se deve confundir a Análise Linguística, doravante, AL, com a dita “gramática contextualizada”, que é, segundo alguns professores, uma nova forma de ensinar gramática. A AL, segundo Mendonça, é uma outra concepção de como a linguagem deve ser tratada no ensino.

Dessa forma, considera-se que o ensino trabalhado em sala de aula auxilia os alunos na sua formação, pois a professora regente faz uso não apenas de decoração de termos ou a fragmentação do que cada um deve ser num texto, e, sim, a interação entre eles nas diferentes práticas. No entanto, pôde-se notar, nos alunos observados, uma certa resistência à aprendizagem do conteúdo voltado às atividades de gramática, com uma extensa dificuldade de assimilar o principal tema trabalhado nas aulas de *Orações Subordinadas Substantivas* – o qual demorou uma dezena de dias para ser mais bem compreendido – mas uma preferência pelas atividades de leitura e escrita. A turma, que apresenta dificuldades de copiar rápido, toma um longo tempo copiando do quadro o assunto, porém, ao ser iniciada a explicação, os estudantes prestam atenção na docente, que demonstra domínio do conteúdo e da maneira com que lida com os discentes.

Antunes (2003) dialoga que é comum, no âmbito escolar, encontrar atividades de leitura que se limitam à interpretação voltada apenas à recuperação de elementos literais e explícitos presentes no que se constitui a superfície do texto. Levando em consideração a experiência retratada em sala, nota-se que a docente pedia para os alunos lerem as histórias e, em seguida, tecerem textos sobre o que os alunos acharam mais pertinente no texto, e o que lhes chamou mais a atenção, demonstrando, assim, uma preocupação com o entendimento das capacidades de concepção de linguagem que os discentes devem possuir ao longo da construção do ensino-aprendizagem. Nesse viés, Belotti e Faria dialogam que:

O professor tem que criar situações propiciando a aquisição de conhecimento e habilidades de seus alunos, chegando assim até eles. Deve criar situações onde o aluno deverá testar todas suas habilidades motora, física, verbal, mental, social, emocional, para que ele se sobressaia de qualquer situação. (Belotti; Faria, 2010, p. 5).

É possível, também, considerando algumas dificuldades básicas que os alunos possuem em assuntos que já deveriam ter sido trabalhados de maneira plena — a dificuldade em conjugar verbos, problemas de interpretação, dúvidas na grafia de palavras simples —, analisar a situação em tela num viés de pandemia, a qual os estudantes passaram.

Logo, a proposta do Todos Pela Educação, que discute “Não será uma retomada de onde paramos – o retorno exigirá um plano de ações em diversas frentes e demandará intensa articulação e contextualização local” (Todos pela Educação, 2020, p. 12) deixa em aberto a possibilidade e necessidade de uma recuperação da aprendizagem que aja em conjunto com todo o âmbito escolar e seu corpo profissional, visto que, num contexto de escola pública, uma instituição como a em análise não possui qualquer condição de ceder tanto aos alunos quanto

aos professores as qualidades necessárias para uma educação remota. Ainda nos pensamentos de Educação (2020), considera-se que:

Ainda sobre equidade, outra preocupação na mudança do ensino presencial para totalmente a distância é o aprofundamento das desigualdades de aprendizagem por conta dos conhecimentos e competências já desenvolvidos até então pelos alunos. Por mais que existam experiências bem-sucedidas de soluções tecnológicas que beneficiam, em maior grau, os alunos de baixo desempenho acadêmico, contribuindo para reduzir as disparidades educacionais, elas invariavelmente são implementadas como suplementar ao ensino presencial [...] (Todos pela Educação, 2020, p. 10).

Assim, depreende-se que a situação problema observada, sendo ela o fato de os alunos terem dificuldades e defasagem em determinados assuntos da língua portuguesa, como a dúvida em escrever certas palavras ou definir o que é um verbo, não são os discentes em si, tampouco a professora, mas uma corrente de ligamentos que não foram perpetuados no que consiste o processo de ensino-aprendizagem, que, com a pandemia, potencializaram-se.

No último dia da experiência de observação, em outubro de 2022, após longos feriados, a professora passou, novamente, uma atividade de leitura e prática de escrita, com o intuito de estimular os discentes a ler e escrever, com o auxílio do livro didático e responder às perguntas de interpretação. Os alunos observados estavam quietos, com seus pequenos focos de concentração. Apesar da atividade dinâmica que, dito anteriormente, é preferível aos alunos, alguns estudantes continuaram sem realizar a leitura. A professora perguntou-os sobre as respostas das questões, e o que eles pensavam sobre o texto, e apenas os que leram responderam. Por fim, a aula encerrou-se, e, assim, as horas determinadas de observação foram concluídas.

Dessa maneira, à luz do que foi observado durante o período de vinte de setembro à dezessete de outubro, foi possível perceber que, apesar da didática abordada pela professora regente, os alunos possuíam determinadas dificuldades para apreender o assunto na sua totalidade por uma série de razões. A partir do que foi apreendido no contexto escolar no período de observação, compreende-se a necessidade de um resgate dos assuntos e dificuldades as quais os alunos apresentam, de maneira que, posteriormente, ao chegarem no Ensino Médio e iniciarem o processo de construção do conhecimento para o ingresso na universidade, possam ter êxito nas suas conquistas. Logo, pode-se concluir a importância do estágio como formação profissional do educador, visto que a possibilidade de comparar as teorias estudadas na universidade e a maneira com que elas ocorrem na prática de sala de aula, especialmente de uma instituição pública e periférica, é fundamental para o avanço da ciência e do conhecimento,

bem como das práticas pedagógicas requeridas para o ensino. A seguir, será discutida a experiência de regência vivenciada pelo estagiário.

O ESTÁGIO COMO ÉGIDE PROFISSIONAL DO EDUCADOR

A partir do que foi apresentado na seção acima, pôde-se observar a realidade de uma turma num contexto escolar de ensino público, e, além disso, o rendimento dos estudantes quanto ao conteúdo apresentado. À luz das problemáticas encontradas em relação à aprendizagem dos alunos, observou-se necessária, para o cumprimento das horas determinadas do estagiário em cena para regência, a necessidade de resgatar conteúdos fundamentais para o avanço do ensino-aprendizagem. Logo, as atividades de regência foram realizadas nas turmas de nono ano do turno da tarde, entre outubro e novembro. No presente relato, a turma apresentou inúmeras dificuldades no que tange ao campo da ortografia. Portanto, é de suma importância o ensino reflexivo de ortografia e conhecer a natureza do erro para pensar uma forma de intervir de forma com que ele não ocorra nos espaços inadequados. Nesse viés, Miranda (2012) afirma que:

Em seus estudos, a ortografia é abordada como um objeto de conhecimento, capaz de estimular o uso de novas estratégias de pensamento que podem ser transferidas para outras áreas da cognição; e também como um conteúdo que ao ser aprendido serve de ferramenta aos usuários da língua para a ampliação de sua competência comunicativa. De outro lado, estão propostas para o ensino baseadas apenas na memorização, as quais pressupõem uma abordagem que desconsidera a potência desse tipo de conhecimento que faz parte do conjunto de saberes acerca do sistema de escrita da língua. (Miranda, 2012, p. 19).

Dessa forma, a partir do que foi exposto em sala de aula por meio de prática de regência com duração de 18 (dezoito) horas para cumprir a carga horária obrigatória, extrapolando algumas horas a mais devido à difícil conexão dos dias num contexto de feriados e dias facultativos para o Estado, considera-se o primeiro dia de regência. Pôde-se observar, na turma, uma pequena resistência à aula dada — não em relação ao assunto, mas, provavelmente, à estranheza de ter um estagiário ministrando a aula. No entanto, a turma respondia às perguntas quando feitas de maneira isolada, mas com pouquíssimos alunos interagindo, e, quando a interação acontecia, de maneira tímida.

É possível analisar, à luz do que foi apresentado, que o ensino de gramática na escola pública, segundo Antunes (2003) dialoga com uma gramática da irrelevância, que preza por questões sem importância para a competência comunicativa dos falantes, os quais precisam

saber se comunicar nos mais diferentes eixos da língua, e não apenas as inúmeras funções entre “QUE” ou, “SE”. Logo, as aulas ministradas foram pensadas com o sentido de resgatar aos discentes conteúdos relevantes que serão utilizados ao longo da construção do conhecimento, e que, num contexto de instituição pública, ficou para trás.

Nesse sentido, foi interessante observar que, na segunda aula ministrada, os alunos já estavam mais tranquilos e participativos, e o assunto, referente à *Acentuação Gráfica* tornou-se de fácil compreensão para os alunos ativos da sala. No entanto, vale o adendo de que foi necessário, diversas vezes, incentivá-los a responder as questões mais básicas como: a entonação de palavras, o que é um verbo e o significado de determinadas palavras. O que, de certa maneira, está ligado à imagem do estagiário no contexto escolar. Nesse sentido, Alves e Souza (2013) dialogam que:

[...] Cria a imagem de um profissional que tem domínio da teoria que embasa sua prática, ethos de alguém que tem autoridade no assunto. Com isso, também se mostra autônomo, independente em relação ao professor orientador do estágio, uma vez que assume sua prática como sendo escolha sua, mediante justificativas condizentes com o que defendem autores da área, configurando-se como argumentos de autoridade. (Alves e Souza, 2013, p. 146).

Por conseguinte, os estudos de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 197) dialogam que o significado social que os professores atribuem a si mesmos e à educação escolar configura-se numa posição fundamental no que tange aos processos de construção da identidade docente. Assim, foi possível, na experiência em tela, observar uma relação extremamente agradável com a professora regente, que, ao longo de todas as aulas ministradas no período de setembro a novembro, esteve presente na sala e, no entorno das aulas, adicionava comentários relevantes para a turma e para o conteúdo ministrado no momento. Dessa forma, a contribuição contínua e plural que acontecia no espaço de ensino-aprendizagem era agradável no que dizia respeito à interação entre estagiário-alunos e estagiário e professor, configurando a experiência de estágio como égide profissional na vida do indivíduo educador, visto que a troca entre teoria, prática e os relatos e vivências dentro da sala de aula são fundamentais.

Na continuidade das aulas, os alunos já estavam receptivos em relação aos conteúdos apresentados e à relação que era partilhada no espaço sala de aula. Nesse viés, o pensamento de Belotti e Faria (2010) afirmam que o professor deve ser um facilitador do processo de ensino-aprendizagem em parceria ao aluno, em todo o contexto no qual ele está inserido, e estar em constante atualização continuada mediante as mudanças que ocorrem no mundo globalizado vigente. Assim, ao longo do desenvolvimento das aulas, foi factível a percepção de que

compreender o aluno e o entorno com o qual ele convive, desde jogos, livros, séries e experiências de vida, facilitam na construção do ensino, pois torna o diálogo entre docente e discente uma constante teia de aprendizado, onde o professor apenas conduz o que está sendo aprendido, e não o dita. Ainda nos pensamentos de Belotti e Faria (2010), conclui-se que:

Um educador que deseje ser professor, não o será apenas porque ocupa essa função em uma sala de aula. Ensinar exige um saber metodológico, através do qual os conteúdos serão tratados de forma a permitir o aprendizado destes pelos alunos; exige estar atento às questões políticas e sociais que envolvem o seu fazer, sua profissão; exige conhecer o seu objeto de estudo: a educação e como ocorre o processo de aprendizagem do seu aluno; exige conhecer os problemas que permeiam a sua prática; exige dedicação, comprometimento, conhecimento e, acima de tudo, respeito e trabalho, muito trabalho. (Belotti; Faria, 2010, p. 7).

À luz do que foi apresentado, ao chegar ao fim das atividades de regência, os estudantes estavam familiarizados o suficiente que, ao saberem que era o último dia presente do estagiário, questionaram diversas vezes se ele poderia ficar até o final do ano letivo. A partir disso, Lima (2008), considera que é dever do estagiário aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos sobre a escola, não mais de forma descomprometida, mas com o olhar de professor. Assim, é vital a necessidade de reflexão e agradecimento no que tange à experiência compartilhada, mesmo numa instituição que não possui a estrutura adequada para um ensino plural e completo, a capacidade do ensino-aprendizagem não pode ser resumida apenas à uma tecnologia, e, sim, a várias, inclusive, as mais simples. Dessa forma, poderá se atingir o esperado do que foi planejado durante as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado ao longo do presente artigo, foi possível observar, neste relato de experiência, a realidade da escola trabalhada, a sua estrutura e a forma com que o ensino acontece dentro da sala de aula em turmas do nono ano Regular do Ensino Fundamental. Dessa maneira, considera-se que o ensino na escola pública ainda apresenta déficits que ultrapassam os anos e acumulam-se ao longo do processo de ensino-aprendizagem, o que dificulta o aprendizado do estudante quando ele, inevitavelmente, chega ao Ensino Médio, e, posteriormente, ao ENEM, quando suas habilidades e competências em relação ao aprendizado de Língua Portuguesa são fundamentais para a sua formação e continuidade para o ingresso na universidade.

Logo, observou-se a necessidade de construir uma sequência de aulas que tivesse como principal objetivo resgatar determinados conteúdos de ortografia que são comuns no uso da interação dentro e fora do espaço da sala de aula. Mediante a isso, os resultados obtidos com a finalização da experiência de regência foram agradáveis, e revelaram que, partindo do princípio de que determinados conteúdos são priorizados no espaço escolar em detrimento de outros, é vital o resgate de assuntos que, num contexto de pandemia, em escola pública, foram apagados devido à intensa desigualdade e à difícil democratização do ensino.

Dessa maneira, a experiência vivenciada por meio da disciplina de Estágio Supervisionado I encerrou-se, e foi perceptível a importância do estágio para a constituição do estudante de graduação, e em especial, de licenciatura. A égide do educador consiste, justamente, na possibilidade de apreender as experiências em tela e atuar em conjunto com a sociedade e os alunos para que haja a melhoria do ensino e a diversificação das inúmeras práticas pedagógicas. É possível também, configurar a educação como espaço transformador tanto para o aluno quanto para o professor, atuando, juntamente, no processo de desenvolvimento intelectual dos cidadãos. Por fim, é inegável a realidade que a maioria das escolas públicas apresenta, o que, assim, torna a experiência de estágio apresentada neste artigo enriquecedora e indispensável na formação do futuro professor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Leidiana; SOUZA, Gilton Sampaio de. Na tensão de vozes, a (re)velação de imagens: o ethos de estudantes de Letras em relatórios de estágio. *Diálogo das Letras*, v. 2, n. 1, p. 125-146, 2013. DOI 10.22297/dl.v2i1.538.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. Parábola Editorial, 2003.
- BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação professor/aluno. *Saberes da Educação*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2010.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. *Revista Diálogo Educacional*, v. 8, n. 23, p. 195-205, 2008.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Análise linguística: por que e como avaliar. In: MARCURSCHI, Beth; SUASSUNA, Lívia. (org.). *Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 95-109.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Ortografia: reflexões sobre a aquisição e o ensino. In: LEFFA, Vilson; ERNST, Aracy. *Linguagens: metodologias de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012. p. 1-19.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças C.; CAVALLET, Valdo J. Docência no ensino superior: construindo caminhos. *In*: PIMENTA, Selma Garrido. *De professores, pesquisa e didática*. Campinas: Papirus, 2002. p. 129-144.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19. Nota Técnica, 2020. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/todos_pela_educacao/nota_tecnica_ensino_a_distancia_todospelaeducacao_covid19.pdf. Acesso em: 16 de nov. de 2022.